

# E quando o 'lugar' é a metrópole? Pesquisa e ensino de Geografia no contexto metropolitano de Porto Alegre

Ana Clara Fernandes\*

## Problema de pesquisa

A necessidade de relacionar os estudos de Geografia da Educação Básica com o cotidiano dos alunos é tema discutido por vários autores já há algumas décadas. Ao problematizar sobre os estudos geográficos na França dos anos 1970 do século XX, Lacoste (1988) argumenta em *A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* sobre a importância de atividades pedagógicas nas aulas de Geografia que possibilitem aprender a ler o espaço vivido (a carta) como contraposição à postura ideológica de negar esse conhecimento aos cidadãos em prol dos interesses das classes dominantes:

Por que não aprender a esboçar o plano da aldeia ou do bairro? Por que não representar sobre o plano de sua cidade os diferentes bairros que conhecem, aquele onde vivem, aquele onde os pais das crianças vão trabalhar, etc.? Por que não aprender a se orientar, a passear na floresta, na montanha, a escolher determinado itinerário para evitar uma rodovia que está congestionada? (LACOSTE, 1988, p. 25)

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados nos anos 1990, ainda hoje vigentes, colocam como central a contribuição da Geografia para a compreensão do espaço vivido em todas as séries da Educação Básica. Nas séries finais do Ensino

---

\* Professora de Geografia do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CAp/UFRGS. Doutoranda em Geografia pela UFRGS. E-mail: clarageo18@gmail.com

Fundamental é de suma importância “[...] que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos ao longo do terceiro e quarto ciclos e que esse estudo permita compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço” (PCNs, p. 30). No Ensino Médio, “entendemos que, ao se identificar com seu lugar no mundo, ou seja, o espaço de sua vida cotidiana, o aluno pode estabelecer comparações, perceber impasses, contradições e desafios do nível local ao global” (PCNs, p. 311).

Essas questões permanecem na literatura mais recente. Em artigo publicado na revista *Terra Livre nº 16*, Callai (2001) problematiza o ensino da Geografia em um contexto social de grandes mudanças, no qual a instrumentalização para exercício da cidadania é uma de suas tarefas. Para tanto, salienta que “[...] o estudo do local onde vivem (*os alunos*) se torna fundamental, ao mesmo tempo em que é um importante exercício para entender o mundo da vida” (CALLAI, 2001, p. 147).

Questionamos, então, o que é o “local” ou o “lugar” de onde, como nos apontam as referências acima, deveríamos realizar em sala de aula os estudos de Geografia; como definir o “local” ou o “lugar” em um contexto metropolitano?

Callai propõe que o município, enquanto unidade administrativa “significativa para grande parcela da população brasileira”, represente o estudo do local, do lugar. Ao mesmo tempo, relativiza esta possibilidade: “[...] poderá ser um bairro, uma comunidade, assim como poderá ser uma pequena (em extensão) região que agrupe alguns municípios” (*ibid.*, p. 148).

Os questionamentos de Pontuschka (2002) sobre as escalas de análise do espaço geográfico, seu conteúdo cada vez mais complexo e as proposições para abordá-lo em sala de aula trazem também contribuição importante para pensarmos nossa prática. Segundo esse autor:

Diante das múltiplas ações e orientações originárias dos órgãos centrais da educação vinculadas à política educacional do país, perguntamos: que caminhos o professor e a escola podem trilhar para que os alunos

dos diferentes níveis de ensino compreendam o espaço geográfico e ampliem sua visão de mundo, conheçam o seu papel na sociedade moderna ou pós-moderna, como querem alguns, em uma economia mundializada e de vida globalizada? Como a globalização se traduz no espaço de vida do professor e do aluno? Como, do ponto de vista do espaço geográfico, integrar a escala internacional (globalização) à escala local (espaço vivencial)? Não existem respostas mágicas para essas questões [...] (PONTUSCHKA, 2002, p. 111).

A complexidade territorial e social das grandes aglomerações urbanas é um desafio para ensinar e para aprender Geografia. A globalização e, especialmente, o crescente acesso às novas tecnologias de informação agregam novas dimensões ao espaço vivido. Essas dimensões não anulam sua importância, ao contrário, reforçam suas múltiplas possibilidades. Nesse sentido, o cotidiano tecnológico e informacional a que têm acesso nossos alunos não anula a necessidade de estudar a concretude do “lugar”, ao contrário, pode enriquecer seu estudo e torná-lo mais atrativo. Nas questões colocadas por Pontuschka (2002), podemos acrescentar que considerar o espaço vivencial é também lidar com a mobilidade: a possibilidade de morar, estudar e trabalhar em bairros distintos, distantes, em outra cidade. A nossa experiência em escolas públicas, localizadas em Porto Alegre, demonstra que os alunos são oriundos de diferentes bairros e também de outros municípios<sup>1</sup>. Com o intuito de contribuir para romper com a “ausência do lugar” nas aulas de Geografia a partir do terceiro ciclo da Educação Básica, e com a certeza de que não esgotaremos a questão, nossa pesquisa procura responder ao seguinte questionamento: *Como realizar, na metrópole, o estudo do “lugar”, nas aulas de Geografia, a partir do terceiro ciclo da Educação Básica?*

---

1 Situação também vivida com os alunos da Educação Básica do Colégio de Aplicação da UFRGS.

## Justificativa

Ao trabalhar com o espaço vivido em uma turma de trinta alunos, deparamo-nos com o fato de que ele não é único, que necessariamente não está em uma mesma delimitação, em um mesmo bairro, não agrega as mesmas dimensões. Uma forma de lidar com essa situação é propor que o espaço vivido seja o entorno da escola, suas proximidades, o bairro onde ela se localiza. Em um primeiro momento de análise, considerar o bairro da escola pode ser um exercício suficiente, mas na medida em que ampliamos e conectamos diferentes escalas para estudar/compreender o lugar onde vivemos, é necessário incluir e articular outros trajetos e vivências. Sem isso, corremos o indesejado risco de tornar nosso discurso vazio, com um amontoado de informações desconectadas, e as aulas um pouco do que descreve Monbeig (1954, p.1): “[...] listas indigestas de nomes de lugares ou dados numéricos, lições atrozes que somente os menos inteligentes e os mais obstinados de nossos condiscípulos chegavam a recitar razoavelmente”.

Ao agregar os diferentes percursos e vivências dos alunos, teremos certamente a descrição de vários fragmentos de um mesmo lugar – *a metrópole e seu entorno*. As diferenças em um primeiro momento irão demonstrar a heterogeneidade do lugar (descrição de várias paisagens e dimensões) e, após, as diferentes análises abrem a possibilidade de entender sua complexidade.

Resgatando novamente nossa experiência em escolas públicas de Porto Alegre e também de Gravataí, podemos dizer que o estudo do espaço geográfico *Região Metropolitana de Porto Alegre*, onde está inserida a delimitação que fizemos para definir o “lugar”, é praticamente inexistente. Existe um projeto de popularização do ensino da Região Metropolitana de Porto Alegre no Colégio de Aplicação – UFRGS que visa a aproximar principalmente a produção acadêmica do universo escolar nas aulas de Geografia urbana. Além dessa iniciativa, os professores que abordam seu estudo em sala de aula o fazem de maneira provavelmente solitária. As pesquisas e informações estão limitadas

a órgãos administrativos e de pesquisa como a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, a Metroplan, a Universidade, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sem que sua sistematização e socialização sejam efetivas no ensino de Geografia.

## Objetivos

O objetivo central de nossa pesquisa é construir e sistematizar possibilidades de ensino e de aprendizagem do saber geográfico em sala de aula a partir do *lugar*, Porto Alegre e seu entorno, com uma abordagem que leve em consideração seus conteúdos sociais e naturais e que privilegie a vivência cotidiana dos alunos. Para tanto, elencamos alguns objetivos específicos que esperamos alcançar durante o desenvolvimento da pesquisa:

- Tornar disponíveis e compreensíveis informações e estudos sobre Porto Alegre e seu entorno (RMPA) na sala de aula – socialização do conhecimento.
- Oportunizar e estimular nas aulas de Geografia uma aprendizagem em que os alunos se percebam como possíveis integrantes e atuantes dos processos de transformação do lugar onde vivem – construção da cidadania.
- Propor, experimentar e avaliar a referência do lugar como ponto de conexão das diferentes escalas de análise para estudar e aprender Geografia a partir do terceiro ciclo da Educação Básica – metodologia de ensino e aprendizagem.

Ao final da pesquisa temos por meta divulgar a experiência com o intuito de socializar, debater e contribuir para o enriquecimento de nossas práticas, saberes e fazeres geográficos. Para tanto, o produto final se desenhará na forma de um Projeto de Extensão que contemple o tema de nossa pesquisa, intitulado “E quando o lugar é a metrópole?” voltado para a comunidade e, especialmente, para os professores de Geografia.

## Metodologia

*Toda leitura geográfica do espaço é precedida de uma leitura anterior do espaço vivenciado<sup>2</sup>.*

Como primeira referência para pensar o lugar, resgatamos as considerações finais de Santos (2008, p. 339), em *A natureza do espaço*: “[...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. Ou seja, o lugar vivenciado, sua materialidade, expressa lógicas nem sempre convergentes. O lugar é local de conflito expresso ou latente. O lugar que delimitamos (Porto Alegre e seu entorno) como outros lugares onde se reproduz a sociedade urbana é uma criação humana, o lugar de reprodução do capital e da humanidade. Conforme Park (1976, p. 26), “[...] a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos”. Com essa perspectiva, estudaremos o *lugar* enquanto: (1) o ambiente/habitat da parcela da humanidade que ali está, onde estão colocadas/imbricadas dimensões sociais e naturais; (2) um local/global de onde podemos compreender o espaço geográfico.

Com esta abordagem, a metodologia que se pretende em sala de aula pode ser exemplificada com a seguinte situação:

- Em determinado momento das atividades em sala de aula, é solicitado aos alunos que representem a cidade através de um *croqui* no qual os diferentes usos do solo sejam agrupados (regionalizados). Não é necessário aqui considerar outros aspectos cartográficos além da legenda,

---

2 Paráfrase de FREIRE (2001, p. 63), em entrevista concedida à revista italiana Terra Nuova: “Insistir em que toda leitura da palavra é sempre precedida de uma certa leitura do mundo talvez seja a melhor maneira de começar a tratar a questão que você me coloca”.

da orientação e da visão vertical. Em determinado momento da atividade, um aluno questiona como seria desenhar uma fruta vista de cima, “[...] não tem como desenhar uma fruta vista de cima”. O professor problematiza a questão: “[...] por que não?”; “[...] como seria uma fruta vista de cima?”. Outro aluno argumenta então: “[...] o que fruta tem a ver com Geografia?”. A escuta por parte do professor dessas questões, aparentemente desconectadas com a proposta inicial da atividade, pode ser extremamente significativa para o estudo do lugar na perspectiva de que ele é local/global. Primeiro, é importante encorajá-los a desenhar uma fruta vista de cima. Depois, é importante responder o que fruta tem a ver com a Geografia, porque, por meio de tal resposta, um leque de possibilidades se abrirá para se trabalhar a categoria inicial que havia sido proposta (região) em outras escalas. Isso pode ser feito com o auxílio de um eficiente atlas ou com a consulta a sites que contenham dados e mapas da produção agropecuária no Brasil (comércio interno) e em outros países (comércio internacional). Podem-se chegar, a partir disso, na divisão internacional do trabalho, nas zonas térmicas da Terra, nos diferentes tipos de solo, de climas, entre outros. A dimensão da natureza no habitat humano pode ser também trabalhada no “lugar”: que frutas são cultivadas em Porto Alegre? Onde? Por que são essas e não outras frutas? Que frutas existiam em Porto Alegre antes da ocupação humana? Como era a paisagem antes do cultivo das frutas? Que combinação de elementos naturais é necessária para seu cultivo? Elas poderiam ser cultivadas em outro lugar? Além disso, obviamente, questionamentos relativos à divisão do trabalho, expressa pelas atividades exercidas em cada parte da cidade, de sua heterogeneidade, poderiam surgir. A partir dos estudos realizados em aula, pode-se elaborar um roteiro de campo em que alguns dos pontos trabalhados serão observados e anotados para serem novamente

retomados em aula. Dessas anotações, novas questões poderão surgir e outras atividades poderão ser planejadas.

A metodologia inclui também possibilidade de atividades interdisciplinares que serão organizadas de acordo com a disponibilidade e interesse dos colegas da área de Ciências Humanas, de Língua Portuguesa e de outras áreas. As atividades com outras áreas de conhecimento poderão ser desenvolvidas com:

- os professores de Línguas Estrangeiras: confecção de textos bilíngues;
- os professores de Língua Portuguesa e de Literatura: produções textuais, poesias elaboradas pelos alunos e leitura e interpretação de textos, poesias, reportagens jornalísticas;
- os professores de Teatro e de Música: conforme a escolha dos grupos na elaboração das sínteses dos temas trabalhados;
- os professores de Matemática e Artes: nas representações cartográficas, tabelas, gráficos;
- as demais possibilidades que surgirem para o trabalho interdisciplinar durante o desenvolvimento da pesquisa.

## Resultados e Impactos Esperados

Os resultados e os impactos que se esperam com essa pesquisa podem ser divididos em três dimensões:

- *Na sala de aula*, espera-se contribuir para que o aprendizado seja significativo para os alunos; que eles reconheçam seu cotidiano nos temas trabalhados e na sua relação com as diferentes escalas geográficas.
- *Como pesquisadora*, espera-se que os objetivos elencados anteriormente sejam atingidos e que eles contribuam para aproximar a ciência do ensino.
- *Como professora*, espera-se que as propostas possam ser socializadas e debatidas com outros professores também empenhados em (re)significar o “conteúdo escolar”; e que o ensino de



Geografia contribua para se pensar o “lugar” a partir de diferentes possibilidades de “ser” e de “fazer”.

## Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

CALLAI, Helena Copetti. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? In: *Terra livre*, n. 16, 2001. p. 133-151.

FERNANDES, Ana Clara. *A cidade esparramada: considerações sobre a produção do espaço urbano-industrial em Gravataí – Região Metropolitana de Porto Alegre (RS)*. 2008. 182 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

LACOSTE, Yves. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Disponível em: <[www.scribd.com/doc/4799781/geografiayves-lacoste](http://www.scribd.com/doc/4799781/geografiayves-lacoste)>. Acesso em: 08 jan. 2010.

MONBEIG, Pierre. O papel e o valor do ensino de geografia. In: VESENTINI, José William. *Ensino da geografia*. Disponível em: <[www.geocrítica.com.br](http://www.geocrítica.com.br)>. Acesso em: 10 out 2010.

PARK, Robert Ezra. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26-67.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fanni Alessandri (Org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 111-142.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Coleção Milton Santos; 1). 4. ed., 4ª reimpressão, 2008.